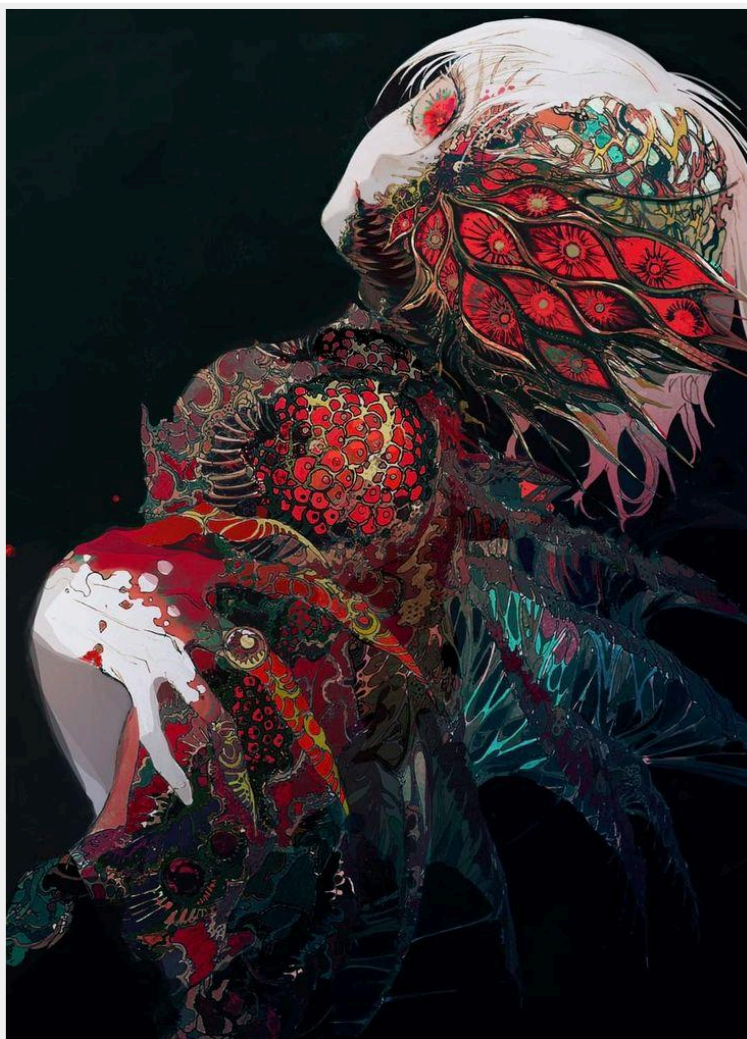


# CRÔNICAS EFÊMERAS IV

## Tânato.



*“Para nós, meu professor, memento mori.”*

Meu professor sempre foi um bom homem. Na verdade, talvez ele fosse o único que realmente queria nos enaltecer dentro daquela Instituição. Ele não só nos preparou para A

Universidade da região, mas também nos deu possibilidade de crescimento pessoal. Não tinha muitos amigos além daquele pequeno grupo, de início me lembrava de cada um deles, de seus rostos. Mas aos poucos passei a não me lembrar mais, minha mente se tornava nebulosa. Meus pais estavam muito ocupados com diversas ameaças à nossa região.

Trolls, ou melhor, a tribo mais poderosa dentre os Shizenianos. Tinha aptidão física absurda, além de estratégias únicas para reivindicar territórios. Meu pai era conhecedor dos mercenários da região, não tínhamos exército formado em nosso lar.

Um perigo constante, a insegurança de alguns ao dormir pensando que talvez fosse nosso último sono. Para mim, porém, era sempre um dia novo de descobertas. Passei longos meses sendo orientado pelo professor. Chamamos ele de “Cinzas” nas costas dele, eu sempre me esquecia, mas meus amigos faziam questão de me lembrar.

- Você tem que manter sua consciência equilibrada. – Ele disse naquela tarde escaldante, escutei as cigarras ao fundo enquanto as janelas abertas abriam entrada para a brisa suave. – Seus pais sabem da sua condição?
- Já tentei dizer a eles, senhor, mas sinto que isso vem do cansaço.
- O cansaço não te levaria a esquecer o próprio nome.

- Tudo isso passa – Coloquei minha caneta sobre a mesa, era apenas eu e ele ali dentro, respirava fundo para tentar obstruir o calor – As memórias, nossa consciência, tudo isso é tão efêmero quanto nossa história, professor.

Ele suspirou colocando a mão sobre seu rosto. Após ficar andando em círculos por alguns segundos, o doutor chegou. Era um médico xamanista, ele possuía diversos adornos que me passavam credibilidade.

- Então é ele? – O mesmo apontou para mim, suas pulseiras metálicas fizeram um tintilar único – Já o atendi alguns meses atrás, principalmente na sua nascença

Nunca havia visto o mesmo. Ele não parecia mentir. Talvez aquilo dentro de mim realmente era ruim.

Após alguns exames com meu sangue senti a tarde se fechando. O segundo ciclo diurno havia passado. Eu havia me esquecido como fui parar ali, eu esquecia diversas coisas ao redor do dia de maneira cada vez mais intensa. Uma tosse tomava conta de mim em alguns momentos crônicos.

- É – Eu escutava por trás de uma porta amadeirada, meu professor estava lá, dialogando com o doutor – Provavelmente é Mal de Alzheimer. Um caso avançado, e sem tratamento–

Isso me machucou de início. Eu sabia que tinha algo, mas me perguntava, se isso levou meu professor a intervir, então quanto tempo eu estaria ali? Preso à consciência de um ciclo diário. A tosse me atacou enquanto me deitava em posição fetal, senti minhas orelhas formigando enquanto minha visão embaçava.

A porta se abriu de forma repentina, antes de apagar, observei meu professor tentando dizer meu nome. Me chamando. Mas aquilo já não me dizia mais respeito. Eu não era mais aquela pessoa. Eu não era nada, eu era efêmero.

A noite chegou, estava em casa, o frio entrava normalmente em meu quarto. Levantei a cabeça rapidamente, estava com um pequeno soro em meu pulso. O quarto vazio com as lamparinas apagadas. Observei a lua pela janela e percebi que seria cerca de meia-noite.

5 horas para o amanhecer.

A eternidade, a ânsia de saber que após 5 horas talvez eu esquecesse da minha doença. Da minha consciência completa. Eu fui amaldiçoado a ser eternamente a mesma criatura fragmentada.

Meu olhos passearam pela arquitetura antiga de minha janela. Velha. Com pequenos cupins caminhando. Quando minha visão foi tomada por cabelos brancos.

Observei uma garota da minha idade. Vestia alguns pequenos trapos remendados ao seu corpo, uma pequena adaga em sua cintura, e de alguma maneira havia adentrado meu quarto. Eu talvez corresse perigo, afinal minha família juntava uma certa riqueza consigo. Pensei em gritar, pois ela tinha traços shizenianos, nunca havia visto um mas batia com o livro que li no dia anterior.

Dia anterior? Eu ainda me lembrava, mas como se essa memória tivesse surgido. Ela estava ferida, a mesma possuía uma expressão calma mas me observava com olhos amarelados. Lembrei das aulas de medicina em primeiros socorros que havia feito com meu professor.

Eu me lembrava. Tudo por conta da adrenalina da morte iminente? Não. Ela não parecia me ameaçar. Finalmente me levantei da cama, lentamente puxando o soro para me apoiar. Minhas pernas doíam.

- O que deseja?
- Não irei te ferir, não imaginei que teria alguém por aqui. Preciso de gaze.
- Quem é você?
- Isso não importa. – Ela me apontou a adaga, mal conseguiu levantar por conta do ferimento.
- Tudo bem... eu te ajudo. – Puxei algumas faixas do meu corpo, o vilarejo estava silencioso, a mesma esticou o braço enquanto envolvia o mesmo.

Quando toquei em seu sangue senti algo estranho. Dentro de mim. Lembrei de algo. Algo distante. Algo que me esforcei diariamente para me lembrar.

- Martin?
- O quê? – Ela puxou o braço para si, a mesma estava praticamente com os movimentos de volta – Certo, saia do vilarejo.
- Como? Não... eu preciso encontrar ele.
- Saíam. Avise quem você ame. Agora.
- Por que? Como assim? Você é uma troll?
- Você já sabe a resposta.

Abri a porta rapidamente, corri como se não houvesse amanhã. Escutei meus pais acordarem à medida que a garota saía da janela. Me esforcei para me lembrar dos nomes deles. Mas minha alma desejava agradecer apenas uma pessoa. O homem que me ensinou a viver, me ensinou a lembrar.

- MARTIN! MARTIN?! – Gritava pelas ruas, as lágrimas corriam pelo meu rosto – Abra! Abra por favor, sou eu.

Batia desesperado na porta. Minha visão turva novamente. Comecei a tossir enquanto a tontura tomava conta. Cai sobre a porta de sua casa. Observei uma pequena carta sobre a porta, tinha uma caligrafia bonita. Tentei ler rapidamente.

*“A aqueles que desejam falar comigo. Sinto informar que estou sobre viagem por motivos pessoais. Minha licença é nesta semana. Voltarei em breve, prometo não demorar”*

- Assinado... Martin? Quem... quem é esse? O quê?...

Observei meus pais se aproximando, os mesmos preocupados me acudiam. Eu não entendia. Parecia apático, mas eu genuinamente não entendia. De quem era aquele papel na minha mão? Apenas aceitei o abraço, sem dúvida.

Foi caloroso, acredito que minha alma se lembrou destes pequenos momentos. Senti que há alguns minutos atrás eu havia me realizado, agoniado permaneci naquele degrau. Enquanto observava algumas criaturas surgindo na floresta não muito longe daquela casa.

Meu pai se levantou rapidamente, ele já sabia o que era. Eu mal sabia o que estava por vir. Minha mãe entrou em minha frete, chorando, clamando. E eu permaneci estático, enquanto um grande machado descia sobre nossos crânios.

## **EPÍLOGO**

Uma jaula. Fria, metálica e pequena balança sobre uma carroça. A garota se apoiava em seus joelhos, seus cabelos brancos, bagunçados e parcialmente queimados tampavam qualquer contato de visão direto.

- Você é mais do que imagina. Tânato. Eu sei do seu potencial, e preciso que coopere.

Perdi muitos soldados naquilo. Uma expedição em território vizinho. Minha cabeça doía do combate longo, a cidade foi arrasada. A garota estava em silêncio desde o dia anterior, enquanto éramos transportados.

- Pode não cooperar hoje, mas saiba que é melhor entender isso. Não precisamos da dor, como seu povo usa, precisamos do que há em ti.

Ela levantou o rosto. Possuía a mesma expressão de revolta, me senti pesarosa com o hematoma em seu rosto. Havia exagerado quando capturei ela. Não sabia domar minha própria força.

- Sei que sou irresoluta, pareço um monstro. Mas espero que entenda. É pelo meu povo. – Apertei o medalhão em



meu peito, como de costume, enquanto meus cabelos loiros tomavam minha visão.